

uma oposição coletiva com a finalidade de quebrar o matriarcado e dominar as mulheres.

E' preciso mencionar ainda certos fenômenos relacionados de modo especial com o matriarcado e que parecem incompatíveis com a mentalidade feminina: a guerra e a caça de cabeças. Atrás dêles está a idéia de que o sangue dá fertilidade. Precisando do elemento fertilidade para a lavoura, a mulher exige sangue, principalmente por meio de cabeças, consideradas suas portadoras especiais; os homens, por seu turno, têm, assim, uma ocupação adequada. O sangue, desde o começo ligado com ritos de vegetação, tornou-se mais tarde importante prova de virilidade e fator de fecundidade humana.

Schmidt retifica o juízo de Bachofen sobre o matriarcado, que não constitui a primeira verdadeira civilização, como afirma o autor suíço, e que inclui entre seus elementos não poucos de valor negativo para o indivíduo, a família e a sociedade.

Estudando um complexo cultural que abrange todos os continentes, o livro de Schmidt é característico para a escola etnológica de Viena. De valor particular são as pesquisas minuciosas de difusão, quer de todo o complexo cultural, quer de seus elementos. Sem deixar despercebida a incerteza de certas conclusões e de não poucas ininterpretações, vejo na obra uma contribuição de valor permanente por causa do vasto material colecionado e da tentativa de pô-lo em ordem e de dar-lhe seu lugar na história do gênero humano.

*Pe. Guilherme Saake, S.V.D.*

J. HAEKEL, A. HOHENWART-GERLACHSTEIN e A. SLAVIK (ed.): *Die Wiener Schule der Völkerkunde — The Vienna School of Ethnology*. Festschrift anlässlich des 25-jährigen Bestandes des Institutes für Völkerkunde der Universität Wien (1929-1954). 568 págs., com 11 pranchas, 21 ilustr. no texto e 2 mapas. Verlag Ferdinand Berger, Horn-Viena, 1956.

Nos 25 anos de sua existência, o Instituto de Etnologia da Universidade de Viena conquistou um lugar de honra entre os congêneres de todo o mundo, tanto por suas contribuições no setor da metodologia científica como pelas numerosas e importantes pesquisas de campo realizadas sob o seu patrocínio. A base para o notável incremento que tomou lhe foi fornecida pela atividade docente do Padre Wilhelm Schmidt, professor de personalidade marcante e um dos fundadores da chamada escola histórico-cultural.

O presente volume comemorativo se abre com sucinto histórico do instituto, acompanhado de uma relação das 97 teses de doutoramento em Etnologia aprovadas pela Universidade de Viena neste quarto de século. Seguem-se mais de trinta trabalhos científicos, uns de ordem geral, outros relativos a assuntos etnológicos de tôdas as partes do mundo. Do conjunto se destaca substancioso estudo de Josef Haekel sobre a situação atual da Etnologia de orientação histórica. E' a êste que desejamos referir-nos em particular.

E' notório que a Etnologia histórico-cultural ou difusionista se opõe à de orientação evolucionista, predominante ainda em princípios dêste século e interessada em descobrir as leis responsáveis pela evolução das culturas em geral. Uma e outra encaram a estas em sua dimensão temporal, mas, ao passo que os evolucionistas procuram compreender-lhes as semelhanças sobre a base da unidade psíquica fundamental de todos os ho-

mens, os difusionistas, embora insistam por sua vez na identidade da natureza humana, preferem explicá-las pelas relações de contacto que em todos os tempos teria havido entre as populações do globo. Devido às dificuldades metodológicas e ao carácter hipotético de grande parte de suas asserções, a escola histórica, que elaborou todo um esquema de ciclos representativos das diferentes fases de transformação, se viu exposta, desde logo, a críticas bastante severas. Os seus representantes foram, ademais, acusados de uma certa rigidez de atitudes, que lhes comprometeria a justa apreciação dos elementos novos advindos da reflexão teórica e das pesquisas de campo.

Cumprе reconhecer que tal não é o caso de Haekel neste trabalho. O interêsse de sua contribuição está precisamente na revisão crítica a que submete o conjunto dos resultados e as próprias bases teóricas e metodológicas da Etnologia histórico-cultural. Uma das conclusões mais surpreendentes, a êste respeito, é a de que, por falta de elementos comprobatórios, o próprio conceito de ciclo cultural, tal como o elaboraram Graebner e Schmidt, conceito que se fundamenta na suposição de uma grande constância das culturas primitivas pelos milênios afora, não pode mais ser mantido hoje em dia. Por outro lado, Haekel continua convicto de que a Etnologia deve conservar em essência o seu carácter histórico, visando em primeiro lugar à determinação das relações interculturais no passado, através dos critérios de forma e quantidade. Considera, entretanto, indispensável combinar êsse método com as perspectivas fornecidas por outras teorias, estudando estruturas e funções, sistemas de valores, tipos de personalidade e a importância social dos fenômenos culturais. Admite, pois, uma solução de compromisso, que o leva a dizer, entre outras coisas, que, devido ao lugar especial da sociedade no conjunto cultural, as relações históricas devem, nos estudos comparativos, ceder a primazia às “regularidades sociológicas”. — E’ provável que nem todos os representantes da “Escola de Viena” estejam, desde já, dispostos a acompanhar a Haekel em todos os pontos dessa revisão metodológica. No entanto, esta não podia tardar. Embora necessárias, as “escolas” são, enfim, fenômenos transitórios no desenvolvimento das ciências.

Depois de discutir várias questões teóricas — a das analogias culturais, a da cronologia, de constância e mudança, de causalidade —, Haekel sintetiza os conhecimentos atuais relativos a alguns temas de importância nuclear para a Etnologia de orientação histórica: totemismo, matriarcado, pastoreio e lavoura, a origem das altas-culturas. A leitura dêsses capítulos afigura-se-nos indispensável a quantos queiram formar juízo, a respeito do estado atual das investigações histórico-culturais, quer sejam adeptos, quer adversários do difusionismo.

Haveria muito que dizer sôbre as outras contribuições enfeixadas no volume. Algumas delas são excelentes, como a de Fürer-Haimendorf sôbre a economia dos Sherpa (Nepal) e a de Hirschberg sôbre a contagem do tempo entre os Boximanes e Hotentotes. Contudo, não é possível comentá-las a tôdas aqui. Assinalemos apenas, como de especial interêsse para o etnólogo brasileiro, a de K. Hye-Kerkdal sôbre jogos competitivos e organização dual entre os Timbira, que agrada por causa do rigor de método com que a autora analisa material recolhido por Nimuendajú e alguns outros pesquisadores de campo.

*Egon Schaden*